

# Farrapos

Diretor: João Paulo Silveira — Redator: Carlos Pereira Filho

Ano II | Florianópolis, 10 de Junho, de 1948 Cr. \$ 0,30 | N° 31

## CÃES

Não há quem desconheça um cão, um cachorro.

Um cão, segundo Jayme Séguier "é uma espécie de mamífero, carnívoro digitigrado, facilmente domesticável e que compreende numerosas variedades. O cão é de todos os animais, o mais fiel ao homem".

Pobre cão. É, de todos os animais, o mais fiel ao homem, entretanto. Se por acaso, se diz que Fulano é um cão, Fulano é cachorro, e, se por ventura, Fulano toma conhecimento disso, o sangue sobe-lhe à cabeça e berra, esperneia, puxa a faca, quer matar todo o mundo mas... cão que ladra não morde.

Se nos dirigimos a uma dama nestes termos:

—A senhora é bela como uma cachorra, —ela poderá arremessar sua delicada mão na nossa face. Mas se falamos assim:

—A senhora é encantadora como uma leão, —ela se envaldecera e considerará isso como um elogio. Pura incompreensão humana. Elogia-se usando-se o nome de um animal fiel e dócil, consideram-se ofendidos. Elogia-se com o de um animal

sanguinário e selvagem, então o orgulho vence, ficam enlevados.

Mas voltemos ao cão... animal. As mais belas raças são Dogue, Bull-dog, Terra-Nova, Galgo, Dinamarquês, Perdigueiro, da Pomerânia, Sky-terrier, Giffo, etc... e entre essas a mais comum é a raça... Vira-Latas.

Há pessoas que vivem do cão, propriamente. Os preparativos destes animais a uma exposição não é feito à vontade. Existem técnicos especializados em tratamentos caninos. É o cão, o cão pastor, que ajuda os criadores de ovelhas na Europa, principalmente. É o cão o guia do cego que caminha confiado na fidelidade de seu amigo. É o cão, o ajudante da Justiça, às vezes.

Jeremias de Leo Vaz, diz que "os cães não têm dono. Alguns, é exato, agregam-se a certas casas, para ter vida regada, ou menos difícil. Mas esse não é o natural dos cães; é dos degenerados. Um cão bem cão é sempre vagabundo. Conserva a independência primitiva..." Eu não diria assim. O procedimento acima descrito é o procedimento de um gato. O ga-

(Conclui na última página)

## No Mundo Dos Fantasmas

## O CORPO SECO

O caboclo entetiza o Corpo Seco como um mirra que transformado em árvore seca, fica obrigado a receber machadadas das lenhadoras, porém, uma só de cada pesada.

Chico Mamangava contou:

— Você já viu falá no Corpo Seco, seu môço?

— Já! Mas nunca vi e nem oreio nêle.

— Pois você pode orê, seu môço, que quem está lhe dizendo já viu e pode confirmá.

— Então me conte o caso, amigo Chico.

— Imagine que eu e o cumpade Zé Gaiola fomos lenhá lá no Capão Grande, um mato que é uma beleza! Dá tudo que é fruta, desde a goiaba grande até a amora preta que a gente se espinha pra apanhá! Tudo o que se planta dá naquela redondeza.

Eu morava bem ali perto. O capão era do Governo; ninguém podia cortá lenha ali. Mas nós fomos... De machado no ombro entremo pelo mato brabo à dentro e nenhuma arve boa pra lenha nós achemo.

— Vamo embora, cumpade Zé, falei eu. O'ie que a lenha tá tão verde que não paga a pena...

— Não, cumpadel! Hoje eu levo umas achinhas de lenha prá casa, nem que vá embora a noite velha.

E eu e o cumpade furamos o sertão campeano um pau seco.

Em certa altura, seu môço, esbarrámo com um tronco alto... alto... todo seco... dessecado pe-

## LA GRIMAS

Jaime Cortesão

Almas — raízes sepultas...  
Lágrimas — flores desapontando...  
Quantas belezas ocultas  
Só se conhece chorando.

São as lágrimas salgadas...  
Pudera que assim não fosse!  
Não que depois de choradas  
Sente-se a vida mais doce.

lo tempo...

Oumpade Zé pulou de alegria. O tronco dava prá cumpade Tita fazer fogo um mês inteirinho. Erguen do o machado, deu um tálo de criá bicha bem no meio do tar.

Foi então, seu môço, que a arve falou, com uma voz fria... fria... chela de malnoçolla... como o pio de uma coruja zuando... zuando...

— Não me corte que eu sou o Corpo Seco!!...

Meu cumpade, seu môço, saiu louco de pavor. Seus óios saltado das órbita, sua cara branca que nem cera, sua malemoleza, faziam a figura de Zé Gaiola, que quasi sem vida chegava de noitinha em casa.

E eu... e eu... seu môço, não me lembro de mais nada...

Só no outro dia é que acoordei. Estava em casa, deitado na minha cama de sorteirão. Não sei como fui parar ali... E'ra a nhá Sinhana que estava cuidando de mim.

O meu cumpade nunca mais quis sabê de cortá lenha nos matos do Governo...

Joeira Silvão Filho

# Farrapas

Por J. S. FILHO

## Florilegio dos Grandes

O nosso estapafúrdio diretor, que sempre no seu lema: — Se não podes encher uma linguica com jornal, enche um jornal de linguica —, vem arrançando das obscuras cavernas de sua esféra cefálica, assuntos humildes para encherem as humildes columnas do nosso não menos humilde arrota-tivo, que sendo hebdromedário, sai diariamente uma vez por mês.

Por isso, vamos, nesse bemaventurado dia, iniciar uma antologia risonha dos maiores mestres de literatura da estéril e simples vila de Santa Isabel do Boião Sem Dono.

Por ordem alfabética, começamos com o insortal (Não morre nem a paul) Armando Taboinhas Noar, nascido em 1820, debaixo duma carreta, e morto em 1860, por uma forte dor de cabeça no ombro esquerdo. (Sim, ele morreu por causa disso, porque se não fosse a dor aguda, ele não teria se atirado da ponte e morrido afogado um mês depois!)

Seus versos, muito apreciados pelas orlaças mamíferas e vegetarianas, foram o delicto (que de lei te não tinha nada) de seu tempo.

Aqui vai uma quadrinha sua publicada no "Poét'astro":

Se o pingo pingasse pingando,  
Pingando o pingo pingava.  
Mas, como o pingo não pinga.  
Não pinga e pingo pingando.

## NO AÇOUGUE

Num açouge, o açougueiro,  
Homem alto e encorpado,  
Porém, bom e educado,  
Perguntou ao seu parceiro:

— Já levaste, ó Cordeiro,  
O lombo do "seu" Machado.  
As costelas do Conrado  
E as pernas do João Loureiro?

— Foi tudo entregue, patrão!  
Isto é... tudo ainda não.  
Falta esta encomendazinha

Que é uma coisa bem ligeira:  
Pese as tripas do Bandeira  
E corte os rins da vizinha.

J. S. Filho



## Teatrinho Faisca

Personagens: Dona e Visita  
Dona: —Tenha a bondade de entrar!

Visita: Aceitto sua generosa oferta, que acredito não ser displicente. (Entrando) Imagine, minha meiga amiguinha, que os oblíquos raios solares fustigaram-me a proeminencia aguda da fisionomia, isto é, o que o vulgo chama nariz.

Dona: —Mas se sente e descanse um pouco; aceita uns doces ou um pedacinho de bolo?

Visita: Oh! Não! Muito obrigada! Detesto os doces! E bolo para mim, deve ser satuado de produto espontâneo da senhora do galo e mesmo assim só... depenico...

(O pano cai, encabulado)

## ALMA PENADA

Novela por J. W.

(Continuação)

## CAPITULO III

## Rosa contra Rosa

Henrique VI voltou da luta infrutífera na França. Cá e lá cochava-se, comentando o fracasso do rei e principalmente os nobres estavam decepcionados com o deplorável desfecho da Guerra de Cem Anos. Por essa razão, os festejos de regresso não provocaram o entusiasmo costumeado: Muitos fidalgos tinham perdido a vida no campo de batalha e vários outros valeram-se de qualquer pretexto, afim de ficarem ausentes. Não queriam participar de festas que deveriam ser substituídos por luto nacional.

Houve, porém, quem lá estivesse de propósito. . .

Após um banquete na residência real, numa das salas de recepção, conversavam; um pouco à parte, dois con-vivas:

— Senhor Jackson, disse o primeiro, o senhor esteve entre os combatentes, na fase final da guerra não é?

— Perfeitamente, senhor Ricardo de Nevil. Presenciei toda a derrocada. Por muita sorte conservamos ainda Calais.

— Mas como foi possível essa calamidade? Nosso exército estava em melhores condições do que o francês

O cavalheiro que fora interpelado como Jackson olheu desconfiado para o interlocutor e para os lados. . . Tempo de guerra é tempo de mentira, de traições, de ex-

plorações por parte de muitos. Jackson sabia que Ricardo de Nevil, azede de Warwick, era cunhado de Ricardo de York, rival de Henrique VI. Convinha, contudo, manter o máximo de reserva, aqui se bratado, pelo que respondeu:

— Senhor de Nevil, não sei bem a que atribuir essa fatalidade. Nossos soldados. . .

— Senhor Allya Jackson, compreendo o que quer dizer e o que não quer revelar, sem mais nem menos. Vou ajudar-lhe um pouco. . . Poderíamos ter vencido; se a cabeça tivesse sido outra. Não é isso?

Jackson considerava com seriedade o conde de Warwick que sorria com toda a franqueza e por fim anuiu com a cabeça.

— Como acha o ambiente da corte, senhor Jackson? Qual o sentimento geral que pode observar, desde sua volta do continente?

— Não tenho muito contacto com o palácio. Sinto, porém, que anda alguma coisa na atmosfera. O povo murmura em surdina, mas nada externa. . .

— Quer dizer que há descontentes contra o rei?

— E' esse o meu parecer. . .

— Eu tenho certeza disso. O rei. . .

“Têm certeza de que, senhores,” disse alguém, surgindo dum reposteiro lateral, passo ameaçadoramente vacillante. O vinho da mesa real devia ter sido bom, “Eu tenho certeza de que o vinho trazido da França é o melhor do mundo” continuou o intruso com voz fatigada.

Jackson e Ricardo de Nevil entreolharam-se: Será que esse indivíduo tenha estado a espreita-los. . .?

(Continua)

# NOS ESPORTES

João Luiz F. de Melo

## A EXEBIÇÃO DO AVENTUREIRO V. O. NESTA CAPITAL

Afim de disputar três partidas com os clubes locais, deu nos o prazer de sua visita o «Aventureiro» V. O., de São Ludgero (Tubarão)

Composto de elementos de valor incontestável, tanto assim que a seleção catarinense que conquistou, em São Paulo, o baroso título de vice campeões brasileiros de voleibol, era constituída quasi que inteiramente de jogadores seus.

Era natural, por isso, que a sua exibição nesta capital despertasse o mais vivo interesse.

Marcados os jogos para sexta, sábado e domingo últimos, na cancha iluminada do Lira Tennis Clube, respectivamente com o A. A. Barriga Verde, Ubiratan e a Seleção Florianopolitana, o Aventureiro venceu brilhantemente os dois primeiros adversários, perdendo para o último.

A concorrência ao clube da colina foi grande, e a torcida também muito grande.

O quadro dos valorosos voleibolistas do «Aventureiro» que é composto de perfectos atletas, deixou a todos que assistiram aos jogos a melhor impressão possível.

## Curso

Antonieta de Barros

Externato fundado em 1922

Fernando Machado, 32 Fone 1516

— Florianópolis —

## 1º CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO CATARINENSE

Conforme foi deliberado pela diretoria da F.A.O. de estudantes, teve início domingo último, na cancha do Lira T. C., o primeiro campeonato Universitário Catarinense.

Foram realizados os seguintes jogos:

Voleibol — Faculdade de Direito X Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Basquetebol — Faculdade de Direito X Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Os certames de vôlei, basquete e futebol serão realizados em dois turnos, um no corrente mês e o outro em Julho próximo

O certame de atletismo será realizado em Agosto; o de ténis em Outubro e o de natação e remo em Novembro.

## Passa-Tempo

Foi premiada no 2º torneio de «Passa Tempo» com uma assinatura semestral de «Seleções do Reader's Digest» a nossa leitora Suely A. de Veiga, com a terminação 92 da loteria federal de 29 de Maio último.

## TENTATIVA FRUSTRADA

(Conclusão da 6ª página)

diu. Minutos depois o ladrão estava preso.

O senhor encorpado, de cabelos grisalhos e vestido modestamente, era o novo delegado de polícia daquela cidade.

## TENTATIVA FRUSTRADA - Por J. S. Filho

O ladrão grã-fino estava parado na esquina. Seus olhos estavam cravados em um senhor gordo, de cabelos grisalhos, vestido modestamente, que, despreocupado, dava corda num raríssimo relógio de ouro.

O cérebro do ladrão trabalhava. Que geitinho haveria para que ele, cavilheiramente se apocasse do provocante relógio?

Em dado momento, esfregou as mãos e disse de si para consigo:

- Já sei! Agarro o relógio e grito pela polícia que estou sendo roubado. Certamente ela acreditará que o ladrão é ele. Porém se tiver a sorte de não ter nome gravado no mesmo.

Dito e feito. Chegando-se para

### C Ã E S

(Conclusão da 1ª página)

to sim, têm amizade à comida que o dono lhe dá, mas não ao dono.

O cão, depois de ter tomado a amizade a uma pessoa é fiel, obedece ao don incontinenti. Conan Doyle immortalizou um cão desse gênero no seu famoso livro "O Cão dos Baskerville" em que o seu não menos immortal Sherlock Holmes desvenda o misterioso caso do fantasma de Baskerville.

Não há dúvida; o cão é dentre todos os animais, o mais fiel ao homem.

CEPÊ

perto do senhor, que ainda permanecia com a jóia na mão, agarrou o relógio num movimento rápido e gritou: - Socorro! Polícia! Estou sendo roubado!

Um guarda vendo o pobre senhor a puxar o relógio da mão do elegantíssimo gatuno, para lá acucionou.  
(Conclui na 5ª página)



## ANEDOTAS EM VERSOS

### XV

#### VINTE MILHÕES!...

Queixava-se uma senhora  
A uma ricaca português:  
- «De tudo há falta e de preço  
Tudo sobe mês a mês!

Quem, nesta terra, consegue  
O que comer, é feliz!...»  
(O luso): - «Perdão, senhora,  
E' uma injustiça o que diz!

Com uma calça furada,  
Cheguei a estas regiões  
E hoje, posso dizer,  
Possuo vinte milhões!...»

- «Oh! (Exclamou a senhora  
Co' as feições meio alteradas).  
Que vai fazer o senhor,  
Com tantas calças furadas?!

Dr. Zague Degue